

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Megalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 17 DE DEZEMBRO DE 1887
DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

VOL. III-N. 155

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
Escreptores do Norte do Brazil.....	Franklin Tavora.
A arte como funcção.....	Araripe Junior.
Primavera, soneto.....	I. Martins Junior.
Etymologia da palavra capoeira.....	A. J. Macedo Soares
Junto ao herpo, soneto.....	J. Duque Estrada.
Estudos de Litteratura Brasileira.....	Sylvio Romero.
Amor e rosas, soneto.....	João Ribeiro.
Lexicologia didactica.....	G. Bellegarde.
Dura veritas, sed veritas, soneto.....	H. de Carvalho.
Quadros negros.....	J. Norberto S. S.
Tuas mãos, soneto.....	A. de Carvalho.
O mar.....	Lima e Silva.
Serenata, poesia.....	Arthur Barbosa.
Theatros e diversões.....	
Phantasia, soneto.....	Julio Salusse.
Diversas publicações.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS CONTR E NICTEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:
As de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da Semana os Srs. J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.
— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.
— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Visra.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

Escreptores do Norte do Brazil

O MAJOR THOMAZ ANTONIO RAMOS ZANY

Em 1862 attraheu singularmente minha attenção um romance original brasileiro que se publicava em folhetins do *Diario de Pernambuco*. Intitula-se—*A carapuça de meu tio, recordações de um homem velho*.

Naquelle época a instrucção litteraria entre nós tinha ainda muito de autochthone. O *indianismo* chegára ao seu apogeu. Na Faculdade de Direito havia gosto especial por esse genero de litteratura brasileira, cujos principaes representantes fóra da Faculdade eram:—na poesia Gonçalves Dias, precedido de muito tempo antes por Basilio da Gama, e na prosa José de Alencar com o seu *Guarany*.

Quem escreve estas linhas tinha publicado *Os Indios do Jaguaribe*, onde, de accordo com a versão historica de que era capaz naquelle tempo em que ainda cursava a Faculdade, se encontra uma idealização do indio que seria agora o primeiro a condemnar á vista de ultierios estudos.

Na *Carapuça de meu tio*, pelo contrario, nada se encontra sobre o indio.

Esta novidade por um lado e por outro certos matizes de costumes da sociedade pernambucana, revelando no escriptor um espirito de inspiração franceza que não prejudicava o colorido local, impressionaram-me agradavelmente.

Não perdi de vista a *Carapuça* e, como é natural, senti minha sympathia inclinada para o seu autor.

Mas como conhecel-o, si elle se occultava nas sombras adoptando o pseudonymo de *Youmale*?

De repente, no melhor do gosto, como vulgarmente se diz, foi interrompida a publicação.

Começaram os commentarios e não foram poucos; mas o que naquelle occasião prevaleceu foi que a publicação tinha sido interrompida, menos por culpa do autor do que por conveniencia da redacção do *Diario*, visto que na novella entravam pessoas vivas cujos defeitos e peccados veniaes não deviam ser expostos aos risos e ao desprezo do publico.

Aceitei essa explicação não sem pezar, porque estava com animo de *devozar* a *Carapuça* todas as manhã, capitulo por capitulo, antes do café e do banho frio. Mas faltando a continuação, resignei-me a reler a parte publicada (XXVIII capitulos).

Que scenas tão naturaes! Que tipos tão brasileiros! O commendador Felicissimo, senbor do engenho *Tury-assú*; o compadre *Mané Xico*, o Pedro Moraes, capitão da guarda nacional com espada virgem; o *Zumba*, o incomparavel *Zumba* e tantos outros personagens ridiculos,

ignorantes, frivolos, e sobretudo os episodios grotescos até fazer rebentar de riso,— que adoravel colheita para o paladar de um estudante com pretenções a litterato como era eu então!

Ultimamente em carta do autor encontré a verdadeira razão pela qual deixára de continuar o seu trabalho: « Feliz ou infelizmente, estando já mui adiantada essa publicação, adoeci gravemente e passei mais de um anno em tratamento. Já tinha concluido o meu trabalho; mas continuar a sua publicação no *Diario de Pernambuco* me pareceu de todo ponto inadmissivel: tinha-se passado tanto tempo desde a publicação do ultimo folhetim! Além disso eu me achava como ainda me acho, tão desanimado e aborrecido que pareceu-me não valia a pena de proseguir, e por isso não fiz caso algum desse e ds outros escriptos que tinha entre mãos.»

A *Carapuça* não passa de uma coisa assim como as memorias de um velho. São quadros de costumes em que entra o Recife com seus arrabaldes pittorescos. Os personagens são d'alli mesmo, quer pela sua linguagem, quer pelo seu aspecto, paixões, fraquezas ou vicios.

A unica phantasia da obra é a *carapuça*, presente milagroso de uma bruxa trazido ds uma viagem á Irlanda.

Eis como a descreve o romancista: « Imagine-se um amplo e encurvado bonnet de flo da Escocia, de dois lados, mas sem nenhuma costura, semelhante a esses gorros de dormir, de algodão, que se usam na França, Alemanha e outros paizes frios, e que a caricatura nos apresenta de uma maneira tão exquisita como grotesca, tanto que ao vê-lo é impossivel guardar seriedade, ainda que se seja o mais fleumatico possivel.

« Ter-se-ha então uma idéa aproximada da herança deixada pela velha Megg.

« O que, porém, se tornava mais intolleravel, e concorria para aguçar-se a nossa curiosidade, era um finissimo e delicado anel de aço que envolvia em malhas flexiveis toda sua abertura, e que terminava em uma pequena bola do mesmo metal pendente do tope e se balouçava com graça ao menor movimento do seu possuidor.»

Não me é dado deixar entrevêr até onde chegará a influencia desse talismã terrivel, com uma ponta de força magnetica que, uma vez encasquetado na cabeça de alguém fazia-o, não só revelar a vida propria, mas tambem adivinhar a vida alheia.

Exceptuando esta parte maravilhosa que o gosto da moda justificava ainda, e que talvez não seja absolutamente original, tudo o mais é pernambucano e revela em *Youmale* um talento particular para a satyra, com o qual *currente*

calamo não poucas vezes provoca as francas risotas do leitor.

O escriptor que se encobria no incognito não era outro sinão o Sr. Thomaz Antonio Ramos Zany, filho legitimo do desembargador Domingos Nunes Ramos Zany, já então fallecido.

Tinha nesse tempo 28 annos de idade, poia nasceu em 16 de julho ds 1836. Era empregado da repartição de obras publicas, onde serviu sob varios chefes, o ultimo dos quaes foi o conhecido engenheiro inglez William Martineau, e d'onde sahi posteriormente como inspector da alfandega do Rio Grande do Norte, logar que exerceu até 1876, quando foi nomeado conferente da alfandega do Ceará. Actualmente é conferente da alfandega de Santos, provincia de S. Paulo.

Os seus meritos são conhecidos do Governo Imperial, que os aproveitou em diversas commissões, entre as quaes mencionarei a da organização da carta chorographica do Rio Grande do Norte. Não obstante, a unica recompensa que lhe deu foi nomeal-o cavalheiro da Ordem da Rosa.

Merecem ainda mencionar-se dois trabalhos do Sr. Zany: *Maroquinhas*, infelizmente in-completo como a *Carapuça*, e *Por causa de duas angelicas*.

Este ultimo é um trabalho paseageiro, um escripto litterario como tantos outros que se escrevem para os diarios.

Maroquinhas é um conto só, mas facil, de muita graça e elegancia. Tem apenas seis capitulos. A acção passa-se no Rio Grande do Norte.

Lendo esses capitulos ineditos, em tiras de papel amarellecido pelo tempo, deploro que o trabalho tenha ficado em metade. O assumpto não promete muito, mas a côr local e a suavidade do conto atrahem o espirito do leitor ao sertão quasi virgem, ao seio da natureza bravia que o escriptor escolheu para emoldurar a tela do seu quadro.

Deploro tambem que espirito tão observador, dotado de qualidades que devidamente educadas e cultivadas haveriam de chegar a grande altura, tenha interrompido a sua jornada tão bem encetada para as lettras patrias.

FRANKLIN TAVORA.

A arte como funcção

Apezar da grande differença que existe entre *sciencia* e *arte*, muitas pessoas ha que irreflectidamente permanecem na supposiçõe de que os progressos do seculo XIX autorizam a confusão. Para taes pessoas Sully Prudhomme constitue a ultima expressão da poesia genial, e Lucrecio,

precisamente naquelles pontos do poema em que seu estro monos communicou com as musas, assume a attitud de um verdadeiro precursor.

Certas theorias desenvolvidas por Emilio Zola nos seus livros de critica tem concorrido, mais do que se pensa, para que semelhante erro, parecendo justificado, continue a propagar-se como a tendencia effectiva da arte no mesmo seculo das grandes syntheses de A. Comte e H. Spencer. Não quero com isto dizer que o autor do *Assomoir* desmintu a sua indole de artista eminente; mas é forçoso reconhecer que nem sempre é que elle diz está de accordo com o que elle faz. Saturado de experimentalismo *claudbernardiano*, receioso talvez de que as suas attacias de naturalista fossem postas em duvida, o grande romancista, em mais de um artigo de propaganda, esqueceu-se de si mesmo para diffundir-se em uma rhetorica inconsequente: e, apesar de haver affirmado mais de uma vez que a arte não é senão um *canto da natureza surpreendido através de um temperamento*, não se tem poupado, no furor do ataque, na paixão da controversia, a esfusiar paradoxos de que as suas obras são a mais cabal refutação. Tais affirmações, com effecto, teriam sido a morte da arte e do segredo da expressão, si o talento, si a vehemencia da imaginação, si o *nus* conceptual do artista, não rompessem com tão acanhado ponto de vista, para impôr, arrogantes, causticas e ás vezes atrozmente inexoraveis, as valentias de sua imaginação mais que muito especializada. (1) Felizmente, porém, a sua obra é a prova mais eloquente do subjectivismo dos productos da arte.

O artista não é, nem pode ser um indifferente; nem tão pouco se confunde com o homem da sciencia. Em summa, reduzidas as intenções organicas do chefe do naturalismo em França a proporções schematicas, o que se encontra no fundo de sua critica é muito claro: o indifferetismo, a que elle se refere, não passa, em ultima analyse, de *equilibrio* que as naturezas superiores podem guardar diante do espectáculo da vida universal. Artistas integros como Shakespeare e Goethe realizaram perfeitamente esse maravilhoso desideratum, e o proprio Zola hoje teria feito na sua esfera, si não o minasse uma preoccupação, que vae-lhe limitando a função artistica. Alludo ao exclusivismo do factor hereditario, que pesa de um modo extraordinario sobre a estrutura de todos os personagens de seus romances. Cahindo nos mesmos exageros de que foi victima Galton no seu livro *Hereditary Genius*, sustentando que os talentos superiores pelo unico *nus* hereditario podem escapar ás influencias do meio, explodindo, do mesmo modo que a loucura, quer o meio resista, quer não, Zola deixou-se arrastar pelas seduccões de uma theoria parcial, e quando menos suppoz, as suas legitimas observações de artista estavam sendo invadidas pelo *partipris* de uma escola ou de um ponto de vista, que só tem a vantagem de fortalecer-lo para a aggressão, mas que indubitavelmente o desorienta no meio da complexidade da sciencia contemporanea e desintegra-lhe a função ar-

(1) Já em seu tempo Baudelaire definiu a arte como «uma magia suggestiva, contendo ao mesmo tempo o objecto e o sujeito, o mundo exterior ao artista, o proprio artista.» (*L'art romantique*, 127).

tistica. Para corrigir esse vicio de critica não veja outro recurso senão aproximarmos de Darwin. O autor do *Assomoir* immobilizou-se nas idéas de Lamarek: esqueceu portanto, o que ha de mais fecundo na theoria seleccionista. Os grupos que elle descreve não tem elasticidade, e quasi perdem o interesse por excluírem os multiplos elementos, que convergem para o centro de sua ecliptica. A selecção morbida, que se figura na familia *Rouyon-Macquart*, é puramente abstracta, logica; os progressos actuaes da sciencia não ministram meios para acompanhala. Basta attender-se ao facto de que a transmissão não é uniforme, e que um milhão de elementos vem attenuar qualquer accumulção realizada em um individuo, para reconhecer-se o que ha de arbitrario naquelle processo litterario. (2)

Pois que a arte, como tudo, marcha de um estado de diffusão para um estado de cohesão; si, como o demonstram a historia e a ethnologia, a arte differenciou-se logo no alvorecer das civilizações, aonde appareciam costumes, religião, direito, industria quasi formando um bloco, uma massa informe; si a encontramos mais tarde, na Grecia por exemplo, já completamente separada das outras manifestações do espirito, e, no genero, desagregada, ramificando-se na poesia, na pintura, na musica, na estatuaría, na architectura; si, ainda depois, a surpreendemos em processo de mais profunda desagregação, produzindo na poesia o genero lyrico, o epico, o dramatico, o satyrico; si tudo isto é uma verdade, como admitir que, depois de tantas revoluções, de tantas aquisições, de tantas adaptações, o homem volte ao homogeneo dos tempos primitivos, exactamente no seculo em que tudo se especializa, no seculo em que essa mesma especialização chegou a gerar um pesadelo *reconstructivo* no maior cerebro da raça latina?! Fora disto, ver-me-hia obrigado a proclamar bem alto que a theoria evolucionista é um sonho esteril, senão uma mentira imaginosa. É preciso, pois, que todos aquellos que aceitam-na como a expressão mais adiantada do esforço humano, sejam coherentes, e, de um ponto de vista synthetico, tratem de possuir-se do genio particular da arte, mas da arte universal, tal qual ella no momento se apresenta, como *substratum* da variedade humana. Diga-se, portanto, de uma vez: — nunca a arte esteve tão differenciada da sciencia como no seculo XIX.

Em uma sociedade culta os appa-relhos apresentam-se mais fortemente definidos do que em uma tribu selvagem; do mesmo modo que em um grande vertebrado os orgãos são mais apreciaveis em suas funções do que em um anelide, em que estes mal se denunciam. Não ha meio de confundir nos animaes, que tem attingido certo estado de desenvolvimento, os movimentos cerebraes com as pulsações do coração, as modificações do tubo digestivo, com as do intrincado apparelho cutaneo. Entretanto é nesse estado que os diversos orgãos mais intensamente reagem uns sobre os outros (3). Nunca, pois, a função scientifica reagiu tão energica-

(2) cf. Darwin, *Origem das especies* 113. Saury, *Folie héréditaire*, 12.

(3) H. Spencer, *Psychologia*, I § 1º, *Sociologia*, II.

mente sobre a arte como na actualidade (4). O bom senso bastaria, si não fossem os prejuizos de escola, para tornar patente que a poesia ou a arte de um bushman, de um fetichista dos centros da Africa, em cujo cerebro obtuso as sensações quasi se sepultam em medonha escuridão, nunca conseguiria elevar-se no remigio da inspiração de um V. Hugo, de um Swinburne, de um Browning, de um Leconte de l'Isle, intellectos aonde vicejam todas as polarizações da experiencia humana. Uma intelligencia esclarecida é condição indispensavel para que o coração palpita nobremente e a imaginação fulgure na representação dos dois mundos, o subjectivo e o objectivo.

O homem, como actividade, é um; nem é possível despedaçar essa irreductibilidade, diante da qual todas as philosophias tem estacado abortas. Isto, porém, não exclue o facto da differenciación das funções por via das quaes essa actividade se tem sempre manifestado. Os estudos modernos de anthropologia e de psychogenia apresentam-o, no actual estagio do progresso, como um producto variado e de feições multiplas. «O progresso humano, diz Letourneau, consiste no enriquecimento sempre crescente da vida de consciencia, no alargamento de sua esfera, e na libertação, tanto quanto possível, do jugo da vida nutritiva» (5). Segundo essa concepção biologica tudo se reduz, em ultima analyse, ao augmento da capacidade de registro; e, no que respeita propriamente á arte, que é uma das manifestações indeclinaveis da vida sensitiva, funda-se ella num facto rudimentar commum a toda a animalidade, isto é, na irradiação de qualquer impressão por todo o systema nervoso. «Si a impressão, reflecte ainda aquelle philosopho, dá-se em um homem muito intelligente, no qual se verifica a existencia de um extenso campo de vida consciente, o abalo nervoso se transforma immediatamente em sentimentos, em idéas, e depois, se não ha esgotamento, em acção reflexa motriz. No animal, na criança, no homem primitivo, na mulher, a impressão violenta pela maior parte se traduzirá directamente em movimentos variados, conforme forem feridos estes ou aquelles orgãos. De ordinario, no ente intellectualmente pouco desenvolvido, o choque nervoso se transforma sobre tudo em contracções musculares, em movimento de membros, em gestos e gritos. Mas a serie dos phenomenos poderá ser invertida. Si uma impressão dada provoca de ordinario tal gesto, tal grito, bastará muitas vezes executar ou ver executar o gesto, produzir ou ouvir o grito para experimentar-se mais ou menos a impressão a que elles correspondem. O homem poderá, pois, reproduzir, excitar a sua vontade, em suas cellulas conscientes ou nas de outrem certo numero de impressões ou de sentimentos. Nisso consiste todo o fundo da esthetica.»

Letourneau teria feito melhor, si se referisse ao ponto de partida ou ao

(4) Este facto é perfeitamente caracterizado por Luys no topico seguinte: «Os phenomenos da sensibilidade moral são despertados e solicitados pela intervenção das regiões intellectuaes, com as quaes esses phenomenos permanecem em eterno conflicto.» *Le cerveau*, 86.

(5) *La sociologie*, II cap. I.

desenvolvimento do terreno em que deve evoluir o sentimento esthetico e posteriormente a facultade artistica. Sem esta base é impossivel compreender todos os phenomenos ulteriores, como o demonstraram Darwin e Spencer; só em vista delle percebe-se a existencia de um nucleo commum, do qual se têm differenciado todos os productos da arte universal, e sem o qual toda a communicação de impressões seria irrealizavel. (6) Essa actividade automatica, que se desenrola inconscientemente no individuo, essa especie de generalização diffusa, através do tempo e do espaço, provocando as mesmas associações de idéas; esse modo de reagir do sensorium humano diante dos mesmos objectos, constitue, segundo pensa Luys, uma *orientação* geral, uma *meridiana commum* que determina uma direcção á raça, e que o vulgo baptizou com o nome de *sensu commum*. (7) Mas este facto geral só por si não explica a arte como função, se não as suas condições de existencia. É preciso, pois attender á segunda phase da questão, ao facto do apparecimento do *temperamento emocional*.

Entende Bain que os temperamentos emocionaes são um phenomeno de aquisição ou de selecção na raça humana, um caso de especialização de tendencias.

«Em geral, pondera o notavel psychologo inglez, se uma das facultades do espirito torna-se superior, as outras permanecem inferiores, porque as facultades humanas são limitadas quanto ao total, posto que existam individuos excepcionalmente dotados. Uma intelligencia robusta pôde ser acompanhada de actividade e emoção acima da média. Neste caso, ter um capacidade emocional minima quer dizer ser menos apto que outros para experimentar uma excitação agradável. Uma natureza semelhante não retira das fontes do prazer toda a intensidade compativel com o esforço ordinario... É, pois, aos temperamentos emocionaes que pertencem as grandes manifestações emocionaes. A vida ideal da emoção terá uma força correspondente á força da manifestação actual. Inutilmente tentaria uma natureza emocional fria envolver pessoas, logares, objectos neste caloroso e duradouro interesse, unico que pôde contrabalançar os effectos do habito e do cansaço da velhice.» (8) É evidente, portanto, que na distribuição das forças bio-psychicas ha uma tendencia especial para as manifestações emocionaes, e que della depende todo o desenvolvimento ulterior da arte. Procurando exemplificar as asserções de Bain, poder-se-hia dizer que os vultos historicos de Alexandre, de Catilina, de Luthero, de Mazaniello, que as creações litterarias da ordem dos Orestes, dos Othelos, dos Ruy Blas, representam perfeitamente os temperamentos alludidos. Nada lhes falta; elles têm a força propulsora, têm a intensidade coordenadora dos movimentos, têm a certeza do objectivo. Contudo, não ha meio de confundir qualquer um desses typos com um Homero, como um Shakespeare, com um Hugo, com um Miguel

(6) Darwin, *De l'expression chez les hommes et les animaux*. Spencer, *Essais, la fonction de la musique*.

(7) Luys, *Le cerveau*, 145.

(8) *Les émotions et la volonté*, 92. Unzer et Prochaska, *Fonctions du système nerveux*, 130.

Angelo; o que prova que nem todo o temperamento emocional, funcionando, apresenta como ultimo termo o producto artistico; e esta ultima differença conduz necessariamente á arte. Na sua intensificação reside todo o segredo da natureza. É preciso, deste modo, recorrer a um terceiro termo que delimite radicalmente a função do artista.

Em linguagem commum costuma-se designar sob a denominação de *homens de imaginação* os individuos que possuem esta qualidade em alto grau. Pois bem, os pretendidos homens de imaginação não são mais mais do que temperamentos emocionaes artisticos, ou naturezas que reúnem em si com a maxima intensidade a *faculdade representativa*, facto em seus fundamentos muito simples, porque não é senão o prolongamento da revivescencia voluntaria dos vestigios ou residuos deixados no organismo por uma excitação inicial, mas que se vai complicando á proporção que taes revivescencias se identificam com os processos de expressão, com os symbolos transmissores. (9) A *representação*, diz Maudsley, tem mais força do que a *representação*. (10) Toda-via este facto aceito pelas sciencias biologicas como verdade irrecusavel, não exclue outro não menos evidente no mundo psychologico, que é a força de elaboração de que dispõem certos individuos, força que me parece residir em grande parte na *propriedade aglutinante* dos symbolos representativos. Quero dizer com isto que desde o momento em que o symbolo se amalgamou com a emoção, leibral-o importa o mesmo que provocar um estado de consciencia inicial, e embora não seja um phenomeno identico ao resultante da presença do objecto exterior, nem por isso deixa de ter a mesma importancia. (11)

Basta um pequeno conhecimento dos processos usados por poetas e artistas celebres para reconhecer-se a exactidão do que fica exposto; e para não ir mais longe, transcreverei uma nota do autor acima citado, na qual se acham condensadas todas as observações que poderia fazer no intuito de illustrar aquella these fundamental.

«Goethe podia evocar a seu bel prazer a imagem de um objecto, e obrigava-a a passar diante de seus olhos por uma serie de transformações, e Shelley parece ter sido, mais de uma vez, victima de verdadeiras allucinações produzidas por suas idéas... Dickens costumava dizer que ouvia perfeitamente a voz de seus personagens. Meus personagens imaginarios, escrevia o mais exacto o mais lucido dos romancistas modernos, M.G. Flaubert, me obsedam, me perseguem, ou artes

(9) A arte, assim encarada, tem os mais serios pontos de contacto com a linguagem.

(10) O artista pensa em musica, pensa em pintura, isto é, pensa em sons, pensa em cores, como de ordinario se pensa em palavras. O pensamento, neste caso, encarna-se desde logo na forma tonal ou nas linhas, sem passar pelo intermediario da palavra. » Alfr. Tonnelé, *Fragments d'art et de philosophie*.

(11) Maudsley, *Physiologie de l'esprit*, 252 e 253.

(12) Não é possível desenvolver aqui em toda sua extensão esta idéa, que allás julgo original; pelo menos não a encontrei nos autores, exposta de um modo claro.

sou eu que vivo n'elles. Quando eu compunha o envenenamento de Emma Bovary, sentia por tal maneira o gosto de arsenico na boca, sentia-me tão exactamente envenenado, que soffri duas indigestões consecutivas, duas indigestões realissimas, pois vomitei todo o jantar » (12) O Dr. Ferrier refere que, na idade de 14 annos, quando lhe acontecia presenciar, durante o dia, algum espectáculo interessante, uma ruina pictoresca, uma paisagem bella, uma revista militar, a noite, o mesmo espectáculo se reproduzia diante de seus olhos, e permanecia visivel por alguns minutos com uma nitidez, que em nada cedia á nitidez da imagem real, vista á luz meridiana.

(Continúa)

ARARIPE JUNIOR.

(12) Maudsley, *obr. cit.*, 276 a 277. O caso do Dr. Ferrier é extrahido da obra de Abercrombie, *On the intellectual powers*. Aqui vinha ao caso examinar o limite que separa estas allucinações das pathologicas. Reserve-me, porém, para tratar dessa questão em artigo especial, que terá por titulo — *Arte e loucura*.

PRIMAVERA

A Primavera sonora
Moutou aos hombros de Abril;
Deixou a neva lá fóra
E poz um cinto de anil.

Ella: cavalga triumphante
O doce Mez luminoso;
Ri, com dentes de diamante,
Um grande riso glorioso.

Faz figas ao frio. Canta
Como um namorado. E tanta,
Tanta cantiga desfolha,

Que fica o chão todo flores,
Todo aroma, todo cores,
Onde a sua voz abrolha!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

Etymologia da palavra

CAPOEIRA E SEUS DERIVADOS (*)

Capoeira 1) s. f., ave, *Odontophorus rufa*, fam. *Tetramidae*, «pequena perdiz de vôo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listrado de vermelho-escuro, cauda curta e que habita em todos ns mattas. Tem um canto singular, que é antes um assobio tremulo e continuado do que canto modulado» Wappæus, 332.

ETYM. Onomat. do canto da ave, que diz bem distinctamente: *capoeira*, *capoeira*... Compare *dem-te-vi*, *quero-quero*, *maria-acorda-que-é-dia* etc. — 2) Toque, assobio cantado que se tira das mãos collocadas a modo de tubo, e imita o da *capoeira*. «Tocar capoeira» é tirar som igual ao do canto da ave; e delle usam os caçadores no matto como

(*) Extrah. de um *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza inedito*.

chama, e no campo os moleques, pastores ou vigiadores de gado, para se chamarem uns aos outros, e tambem aos bois, de manhã quando os levam ao pasto e de tarde á hora de recolher, justamente quando canta a *capoeira*, — 3) s. m., moleque que toca *capoeira*, moleque do campo, onde passa a vida aiçada, de vadio, que leva a dormir e brincar, e se diverte tocando *capoeira*. — 4) Por extensão, moleque da cidade malandro, que não sae da rua, onde se dá á peraltagem. — 5) Por ext., tambem o criado livre, nas mesmas condições. — 6) s. f., a peraltagem dos capoeiras, que a principio consistia somente em exercicios de força e agilidade muscular, e depois passou a pau e faca, como bem define Beaurepaire Rohan, in *Gaz. Litter.* etc. — 7) s. m. o vadio, peralta, livre ou escravo, dado ao exercicio da *capoeira*, fazendo officio de *capoeira*.

GEOCR. No litoral do Rio de Janeiro, o toque da *capoeira* nas mãos em fórma de tubo é usado como e por quem supra ns. 2 e 3, e por gente do vulgo quando quorem chamar uns aos outros sem que sua voz seja conhecida. E este estratagemu é tido em conta de *capoeira-gem*, de sujeito *mitra*.

HOMON. port. *capoeira*, de *capão*, cesto onde se prendem gallinhas.

ORTHOGR. Com o (*capoeira*), como se escreve geralmente, por differença de *capueira* matto ralo e baixo.

SYNON. *Fagista*, *navallista*; port. *fadista*.

Capoeirada s. f. 1) banlo de *capoeiras* 3, 4, 5, 7. — 2) acção de *capoeira*.

Capoeiragem s. f. 1) exercicio da *capoeira* 6. «Não se diga que a *capoeiragem* esteve ociosa antehontem!» Red. D. N. 15 jun. 65. «Admittida esta idéa, é difficil de debnir o crime de *capoeiragem*? «Disc. dep. Ratisbona sess. 6 set. 87. — 2) Acção de *capoeira*. — 3) Por ext. deslealdade, traição. «Não ha palavras bastante despreziveis para qualificar devidamente a *capoeiragem* do individuo que, sob o peso da indignação publica, ainda tem a coragem de fazer echoar ao longe as baleias e diffamações. » Aped. J. C. 22 jul. 83.

Capoeirice s. f. acção de *capoeira*, *capoeiragem* 2 e 3.

Capoeirar v. intr. jogar *capoeira*.

A. J. DE MACEDO SOARES.

Junto ao berço

Junto ao berço em que pousa alegremente
O corpo da lilhinha adormecida,
— Anjo de amores a dourar-lhe a vida,
Ella, a ditosa mãe, canta contente.

Naquelles doces sons que commovida
Deixa fugir, alegre e sorridente,
Na expressão desse enlevo eterno, sente
Brillar dentro do peito a luz da vida.

Vê na creança a nitida e divina
Parcela do seu ser; e se cbegando
Beija-lhe a rir a becca pequenina...

E a filha que adornecc vaporosa,
Lembra pequena e branda borboleta
Pousada sobre um petalo de rosa!

J. DUQUE ESTRADA.

Estudos de Litteratura Brasileira

Laurindo José da Silva Rabello

A apreciação das sensações e emoções do poeta nestes rapidos versos nos mostra um ser ardente, um coração de fogo, abrasado pela desdita e pelo amor.

Laurindo veiu a fallecer atacado neste órgão central da vida: o coração matou-o. Não foi a tuberculose, como falsamente alguns pensaram. Sabemos bem disto.

O poeta inflammava-se e vegetava nas chammas, segundo sua expressão; e esse ecstetismo de tola a sua organização extravasava-se em uma continua ebullição mental.

O abalo intimo, o estremecer constante de sua vida psychica torturou-o sempre. Elle mesmo pintou esse estado de espirito na poesia — *O meu Segredo*, que é uma verdadeira auto-biographia, e nos *Dois Impossiveis*, que são uma bella pagina de psychologin.

Ouçamos esta ultima:

«Jamais! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Si uma nobre ativez nos alimenta,
Não se perde de todo a liberdade...

A luta é forte: o coração succumbe
Quasi nas ancias do lutar terrivel:
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel!

Jamais! a chamma crepitante lastra
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
É inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o
impeto
Em que não queima já, mas martyriza,
Em que tristeza branda e não loucura
A razão se sujeita e harmoniza.

É nesse ponto de indizivel tempo
Onde, por mysterioso encantamento,
O sentir a razão vencer não pôde,
Nem a razão vencer o sentimento.

No fundo de noss'alma um espectáculo
Se levanta de triste magestade,
Si de um lado a razão seu facho accende
Do outro os lyrios seus planta a saudade!...

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zélo semi-morto a serpe ondeia!

Dois limites então na actividade
Conhece o ser pensamento, o ser sensivel:
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento — outro impossivel!

Amei-te! Os meus extremos compensaste, —
Com tanta ingratitude, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar — fóra baixaza...

Minh'alma nos seus brios offendida,
De prompto a seus extremos poz remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Pôde queixar-se inteira a flicidade
De teu olhar de fogo inextinguivel,
Acabar minha creença, meu futuro...
Aviltar-me! jamais! É impossivel!

Mas a razão, que salva da baliza
O coração depois de idolatrar-te,
Me adoma a ahaodooar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de
amar-te...

Porém amar-te desse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro,
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto...

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitosa aquella imagem
Que delles copiou na phantasia. » (1)

Vê-se que o poeta era desses espiritos reflexivos que se voltam sobre si mesmos, que lutam, que se analysam no meio de suas lutas.

Era também altivo; mas e homem sincero; fugia, sumia-se e não esquecia, nem deixava de amar, como elle mesmo disse.

Claro é que Laurindo não tocava instrumento, não era virtuose; sua poesia não era rhetorica e cheia de phrases, era a expressão natural de seus affectos.

Noto o leitor que vamos n'uma verdadeira gradação; já vislumbramos na alma do poeta as ternuras diante de uma flor dada por sua amante; já entre os seus segredos sorprendemos a luta funda que tratou para vencer uma paixão ingratamente retribuida...

Um passo mais e vê-lo-emos prantejar loucamente diante das saudades que lhe arrancára a lembrança de sua irmã.

Não insistirei nesse ponto, porque já toquei nelle quando fallei de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy.

Estamos em plena elegia. Um passo mais e, em *Meu Segredo*, na *Linguagem dos Tristes* e viote outras poesias, veremos o soffredor fluminense, o pobre mestiço, o proletario diante de seu viver, diante de seu destino. A elegia então geme, e dóe ouvir-a.

Não ha artificialidade; a simplicidade da linguagem deixa vazarem-se a través de seus poros as exhalações de uma alma dilacerada. Elle teve bem razão de assim dizer em — *O que são meus versos* :

« Si é vate quem accesa a phantasia
Tem de divina luz na chamma eterna,
Si é vate quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa ;

Si é vate quem tem n'alma sempre abertas
Doces, limpidas fontes de ternura,
Veladas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura ;

Si é vate quem dos povos, quando falla,
As paixões vivifica, excita o pasmio,
E da gloria recebe sobre a arena
As palmas que lhe offrece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto ;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem siquer move os échos com meu caoto ;

(1) Tenho muito medo de molestar os leitores fluminenses que em materia de letras gostam muito de coisas leves e ligeiras... Por isso neste e n'outros artigos, que pretendo publicar nesta folha, extrahidos da *Historia da Literatura Brasileira*, tenho o cuidado de os reduzir a meoas proporções, cortando trechos e podando as citações. Quem quizer verificar as allegações por mim feitas, recorra directamente ás obras dos autores criticados.

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenadas fontes de agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céu confia ;

Eu triste, que, dos homens desprezado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio ;

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;
Meus versos, pela dôr só inspirados,—
Nem são versos,— menti,— são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel que o coração verte em golfadas
Por continuas angustias comprimido ;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horizonte da vida o sol querido ;

São anneis de cadêa que arrojou-me
A os pulsos a desgraça, impia, sanhuda ;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda

Sêcca de fé, minh'alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as seccas folhas
Sôlta a esmo no ar planta myrrhada. »

Este podia assim fallar ; podia chorar sem reboço, sem mostrar-se ridiculo ; tinha para tanto o privilegio dos soffrimentos de uma vida flagellada. Era uma alma de tempera. Podia também rir ; porque só o havia de fazer quando a effusão fosse bastante forte para mandar a gargalhada brotar a través das maguas.

Laurindo não era uma natureza unitaria, de uma só faceta, uma dessas organizações simples, que tomam a direcção que lhes imprime o curso dos factos.

Um entesinho desses, si as coieas lhe correm bem e elle possui certa habilidade litteraria, atira-se aos versinhos faceis, e também ao pagode, á crapula, á sucia, e vae engrossar a cohorte dos peraltas e bohemios letrados.

Temos então a frivolidade galante dos cafés e botequins. Os versos que fazem, os folhetins que escrevem, parecem-se com as gravatinhas de côr, as bengalinhas leves que conduzem...

Si, porém, as coisas não foram bem, as difficuldades sérias surgiram de fauces abertas, então o entesinho desequilibra-se de todo, estiola-se, murcha, inutiliza-se. Vae para o tumulo ou para o hospicio.

Laurindo não era dessa qualidade de gente.

Foi do numero daquelles homens usados que naufragam, mas nadam sempre para as costas e vão surgir adiante com as mãos dilaceradas, nús, famintos, e sempre energicos, sempre cheios de esperança.

Foi do numero desses que respondiam ao infortunio com a ironia, ao desespero com a gargalhada.

Era batido, porém não se deixava prender ; era vencido mas não se entregava.

Forte casta de homens que lutam como leões, choram como aguias e riem como gigantes. Esses sahem fóra da medida commum.

Foi por isso que Laurindo por onde passou interessou a todos com as scintillações de seu espirito, de suas satyras, de suas pilherias.

A Bahia e Porto Alegre ainda boje

lembram-se de seus cbistosos ditos e de suas singularidades ; o Rio de Janeiro viu-se durante vinte annos pelo diapasão de seu riso.

Era a gargalhada ironica e profunda do paria, do mestiço e cigano, do proletario n'uma patria ingrata explorado pela cubija de uma burguezia de estranhos e pela ganancia de politicos relapsos.

Grande porção da obra do poeta, por esta face particularissima de seu talento, perdeu-se porque foi oral. Outra porção d'ella existe impressa e esparsa por ahi algures.

Na *Marmota*, no *Sino dos Barbadinhos*, na *Voz da juventude* e n'outras publicações da época pôde-se joeirar muita coisa no alludido sentido.

Não tenho agora tempo de o fazer e indico o trilha a investigadores futuros que desejem estudar a fundo o escriptor.

Existem também por ahi ineditas, em cópias que algumas pessoas possuem, muitas composições de pura pornographia, muito superiores pelo chiste ás produções do genero attribuidas á Bocage.

Antes de dizer algumas palavras finaes sobre o talento do repentista e do autor faceto, demos um passo mais na senda da elegia.

O poeta estava na Bahia, fazendo o curso medico ; alli já tinha escripto a *Saudade Branca*, quando mais tarde cahiu gravemente enfermo. Esteve á beira da morte. Convencido absolutamente que ia de morrer, escreveu—o *Adieu ao mundo*.

Todos os encantos da natureza, da sociedade lhe apparecem para receber o adeus da ultima despedida.

Quem já uma vez perdeu entes queridos, porções d'alma que se foram, lêa ; é pungente

« Já do hatel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte,
E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade ?
Como é tão bello o sol ! Quantas grinalhas
Não tem demais a aurora !
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são recedentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que harmonia
Não se destructa no cantar das aves,
No embalar do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos riheiros,
Na natureza intelra, quando os olhos
Do moribundo, quasi extictos hehem
Seus ultimos encantos ! (2)

Então ? Eu bem dizia : é uma pagina siogular esta. E' uma das elegias mais doloridas que já uma vez foram escriptas em qualquer lingua. Em portuguez nenhuma outra a excede.

Laurindo era um homem do povo e sempre viveu em estado proximo da indigencia. Não privava com o imperador, não era socio do Instituto Historico e tão pouco era um protegido dos regios magnatas da litteratura do seu tempo.

Não era apanguado de Magalhães, Porto-Alegre, Octaviano, Macedo e outros influentes da época. Pelo contrario, noto no jornalismo do tempo quasi inteiro silencio sobre o poeta fluminense.

Repare-se que Fernando Wolf nem uma só vez faz menção do nome de

(2) Veja-se o volume de versos de Laurindo.

Laurindo. E' que aquelles que forneceram os apontamentos para a obra do escriptor austriaco guardaram segredo schre o nosso trovista.

E, todavia, a injustiça aqui é clamorosa ; porque fluminense é um dos mais valentes talentos poeticos de nossa lingua. Si não teve fama entre os grandes, gosou da mais completa notoriedade que o nosso povo tem outorgado aos seus dilectos.

Elle e Gregorio de Mattos foram os poetas da plebe, do grande numero no Brazil.

Homem do povo, fallava-lhe a sua linguagem.

Entre nós a litteratura, ou mais propriamente a poesia, ha tido duas expressões—capitais e divergentes.

De um lado, nota-se o grande grupo dos poetas por plano e reflexão, os espiritos estudiosos e illustrados que têm procurado acompanhar as idéas do tempo em que vivem e acclimatas no paiz.

Têm merecimento e prestaram hoos serviços ; mas não foram as bocças entusiasticas e propheticas por onde fallava a nação.

De outro lado estende-se em linha o grupo dos que nada, ou quasi nada sahiam do estrangeiro, ou que nada ou quasi nada se impressionavam com o que por lá corria, mas, em paga, estavam identificados com o nosso povo e eram delle uma voz, um soluço, um lamento, um cantico, alguma coisa que lhe sabia da alma. São as duas correntes geraes de nossa litteratura. Até hoje têm aadado divergentes.

E' por isso que ainda não tivemos um poeta daquella primeira linha em que fulgem os vultos de Shakespeare, Milton, Goethe e de outros astros desse tamanho.

Só quando as duas correntes se encontram na cabeça e no coração de um homem, a um tempo a synthese da sua raça e o espelho de seu seculo, só então possuiremos quem nos vá representar na região dos grandes genios.

Laurindo não passou de um taletto, notavel talento em verdade.

Sinto não poder aqui estudal-o como satyrlico e humorista. A necessidade de resumir-me, e, em parte, a falta de materias agora á mão, obrigam-me a passar adiante, dizendo apenas duas palavras sobre o repentista.

Por esta face só Moniz Barreto podia com elle, e muitas vezes degladiaram-se na Bahia.

No improviso oratorio, como já disse, Laurindo não tinha rival então ; no improviso poetico acompanhava o repentista bahiano. Eis aqui um soeto dirigido a cantora Marietta Landa :

« Tão doce como o eom da doce avena
Modulada na clave da eaudade ;
Como a hrieca a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena ;

Ora em notas de goso, ora de pena,
Já cbeia de eoleme magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é hella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadia descubro mais subida
Que de um Deus pôde dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi emheida,
Aos teus labios deseja um canto eterno,
E, só para gozal-o, eterna vida...

Mouiz Barreto entusiasmado, atirou-lhe este mote — *Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fade* —, que o poeta fluminense glosou assim, dirigindo-se á mesma cantora :

Disseste a nota amena da alegria,
E' arrebatado então nesse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos céus subia...

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nume, tu que desta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte ?

Anjo ou nume não és ; mas, si te é dado
No canto dar a vida ou dar a morte,
Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fado...

Basta ; é sufficiente para dar uma amostra da limpidez e clareza e simplicidade dos improvisos do bardo fluminense. Para concluir :

Laurindo é um poeta de caracter autonomico em meio dos seus pares.

Mais moço que Magalhães e Porto Alegre, appareceu depois d'elles, sem lhes seguir as pisadas.

Mais moço apenas tres annos que Gonçalves Dias, appareceu mais ou menoa pelo mesmo tempo e não lhe deveu absolutamente nada.

Igual independencia manteve em face de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada pouco mais moços do que elle.

A qualidade predominante da sua poesia é a nota elegiaca. e esta não é a chamada poesia sentimental e lamurienta.

O poeta não se lastima ; tambem não se insurge, nem se rende ; não é um revoltado, que blaspheme, nem um submettido que se prostre vencido. Não ; elle é naturalmente elegiaco. O pranto lhe sae espontaneo e não o espanta ; não se converte em motivo de queixa nem de odio.

Aquillo não é fingido, não arma ao effeito ; é assim por indole.

SYLVIO ROMÉRO.

Lexicologia Didactica

THECEL

NA BIBLIA SAGRADA, Testamento Velho — Livro de Daniel — Capitulo V — cujo summario é este :

« Banquete do rei Balthazar. Apparição de mão escrevendo na parede. Os sabios de Babilonia não podem explicar esta escriptura. Daniel a lê e a applica. Morte de Balthazar. Succede-o Dario Medo. »

se descreve o nefando festim que Balthazar deu a mais de mil magnates de Babilonia e durante o qual « appareceram uns dedos como de mão de homem que escrevia defronte do candieiro na auferficie da parede da sala do rei. »

Foi o propbeta Daniel quem pôde explicar o sentido dessas palavras. Eis a reproducção textual do que se lê no livro e capitulo acima indicados :

« 25. — Esta é pois a escriptura que alli está disposta : MANE, THECEL, PHARES. (1)

Esta é a intrepetação das palavras
26. — MANE : Deus contou os dias do teu reinado e lhe poz termo.

27. — THECEL : tu foste pesado na balança, e acabou-se que tinhas menos do peço.

28. — PHARES : o teu reinado ae dividiu, e foi dado aos Médos e aos Persas. (Extrahido de pag. 191 o 192 do tomo II d' A BIBLIA SAGRADA — traduzida em portuguez segundo a *Vulgata Latina* — illustrada com prefações — por Antonio Pereira de Figueiredo — seguida de notas pelo Rvm. conego Delaunay e approvado por mandamento de S. Ex. reverendissima o arcebispo da Bahia (D. Manoel Joaquim da Silveira) — Rio de Janeiro — B. L. Garnier — Editor — 1864).

Larousse, na *Flore Latine* pag. 240 artigo : *Mane, Thecel, Phares* e nas *Fleurs Historiques* pag. 232 no equipollente artigo

Festim de Balthazar

comprovados, um e outro por multiplas citações de modernos escriptores francezes, adduz o seguinte no segundo dos preindicados artigos :

« Punha sitio a Babilonia, na vanguarda de poderoso exercito, Cyro, rei dos Persas. Persuadido da resistencia

(1) « MANE, THECEL, PHARES. *Mane* quer dizer numero ; THECEL, peso ; *Pharés*, divisão. Pereira. »

N. do T.

dos muros que guarneciam a cidade, Balthazar zombava dos esforços frustraneos do inimigo e se deslembra no festim dos tedios de protrahido assedio.

Uma noite, ao celebrar orgia com os magnates e todas as regias cortesãs, mandou buscar, por jactanciosa impiedade, os vasos sagrados que Nabucodonozor outrora arrebatára ao templo de Jerusalem.

Perpetrada a profanação, viu, com pavor, o impio monarcha não que trachava sobre a parede, caracteres igneos, que nem Balthazar nem nenhum dos convivas ponde decifrar.

Foi avocado o propheta Daniel, que assim falou :

Essa mão foi enviada por Deus, e eis o que escreveu :

Mane, Thecel, Phares

Mane : — Deus contou os dias de teu reinado e lhes poz termo.

Thecel : — Foste pesado na balança e se verificou que tinhas menos do peso.

Phares : — Repartiu-se teu reinado e foi dado aos Medas e aos Persas ».

De feito, na propria noite, Cyro, desviado o curso do Euphrates, penetrou em Babilonia pelo leito do rio estancado ; Balthazar foi trucidado e Babilonia encorporada ao imperio da Persia.

Por allusão a essa memoravel festa, denomina-se *festim de Balthazar* qualquer orgia ruidosa, ou, por hyperbole familiar, qualquer brodio copioso e prolongado. »

Completaremos estas indicações, trasladando para aqui feliz applicação da palavra biblica : *Thecel*.

Fel-a o estimado autor das *Notas Lexicologicas*, Manoel de Mello, de mui aaudosa e indelevel memoria, no final da importante *nota bibliographica* referente á *Vie de Jesus* por Ernesto Renan, 11ª edição — Paris, 1864, em notavel *Catalogo Supplementar do Gabinete Portuguez no Rio de Janeiro* — 1870, pag. 382. Eia aa proprias palavras do illustre e pranteado Manoel de Mello :

« A critica escreveu na primeira pagina do livro : THECEL. Palavra mysteriosa, que dados como de mão de homiem tracharam ante os olhos de Balthazar, e que Daniel intreprou : « Tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos do peso ».

G. BELLEGARDE.

QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

EVELINA

A TERRA DA SERVIDÃO

Felizes os que nunca da pópa de um navio viram as terras da patria, afastando-ae maia e mais de seus olhos, finctuando sobre as ondas, e abymando-se no fundo do Oceano.

Elles não estenderão a mão da mendicidade ao pão de estranhas mezas ; nem implorarão com a voz da compaixão um canto e uma enxerga com o tecto da hospitalidade estrangeira.

Só, sobre a terra da escravidão, cresceu Evelina e deaenvolveu-se no circulo das criancaas de alva tez e de louros cabellos, como a paina dourada dos capulhos abertos aos raios do aol. A fazenda de seu senhor não tinha felizmente a estranha physionomia das cidades e povoados qua, longe de encantal-a, a entristeciam.

Nos seus boques mais verdes e pomposos ; nos seus montea mais bellos e risombos, nos seus rios maia susurrantea e pictorescos do que os bosques, do que os montes, do que os rios de aua patria, via ao menos a imagem de sua Africa adorada.

La satá a choupana de sapé, como a cabana de aeccas palmas de aua mãe.

Os passarinhos, como as avea africanas, esvoaçam em torno della, derramando seus trinados de alegria.

Lá dançam os crioulinhos ao som do urncungo e da poita e do tomboril e da flauta tangidos pelos velhos tios.

Miragens da aaudade ! Doces recordações á alma da proscripta !

Aos quinze annos deixou Evelina os companheiros da infancia com os brinquedoa da meninice.

Bateu a hora do trabalho na ampulbeta da vida e começaram as afanosas lidas nas terras da servidão.

Cada qual tomou o seu destino. Os companheiros da infancia, livres como naeceram, seguiram o caminho da liberdade, juncado de flôres, que conduz aoa altos pincaroa da sociedade.

Evelina, a orpbã abandonada por sua mãe sobre os mares a mãos estranhas, reduzida á ecravidão que avilta

AMOR E ROSAS

Um anno agora faz que em minha casa estavas,
Em meu pobre jardim rosas brancas havia.
Por desejal-as, tu nos pés te alevantavas
Para a rosa colher que mais alto floria.

Embalde ! pois que a tanta altura não chegavas !
Para ajudar-te fui, e quando o braço erguia
E erguia a mão buscando a flôr que desejavas,
Do teu olhar gelou-me a constante ironia.

Nesse momento, eu tremo, e o galho me escapando
Dispersa pelo espaço as desfolhadas flôres,
Que te vieram cobrir a frente compungida.

— Não é muito, senhora (eu te disse) attentando
Que quem amor nos dá partido em muitas dôres
Uma rosa recebe em petelas partida.

JOÃO RIBEIRO.

Dura veritas, sed veritas

Ha muita vez na vida uma hora tão damnada,
tão cheia de amargor, tão cheia de tristeza,
— que vê-ae toda só noss'alma deolada
na intermina amplidão da infinda Natureza.

Então, dizem que a Vida é nma illusão provada,
que além da campa uma outra existe com certeza...
— Quão creduloa que sois ! Que monte adventada !
Além desta, ó Materia, és toda realzaal

Além desta é o reinar da bruta Inconsciencia ;
— o eterno evoluir do *Cosmos* no infinito,
onde o *motus* é a lei, fatal, sem consciencia,

e o Fatalismo nm deus que esmaga o velbo *mytho* !
— E' lá que a *força* tem a eterna omnipotencia,
— e o *corpo* a estupidez peada do granito.

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

a humanidade, seguiu o trilho escabroso do captivo, semeado de arzes e arripado de precipícios e abyssos.

Ella viu em sonhos, alta noite, uma sombra, um espectro que lhe trazia algenas em uma das mãos, e na outra o azorrague, e que mais e mais se aproximava de seu tosco leito — uma pobre esteira.

O seu sequito era numeroso. Todos os vícios, todas as calamidades o seguiam.

Estremeceu...

Oh! o pesadelo tinha o quer que fosse de realidade.

Mão de ferro pesou sobre seus lábios, impondo-lhes silencio.

Quiz defender-se elucto nas sombras da noite.

Arcou braço contra braço, peito contra peito e corpo contra corpo.

E cahiu, exausta de forças...

E o que poderia ella fazer?

Ceder á força bruta que a opprimia, que a suffocava, que a esmagava.

Sim, era elle! Era seu senhor.

No outro dia pertencia a desgraçada Evelina ao rebanho de negras odaliscas, que a receberam com rinchavelhadas e a apertaram em seus braços impuros e asquerosos, qual si fosse nova irmã muito bem vinda.

Profunda tristeza embaciou o brilho dos olhos de Evelina; covou o sulco dos desgostos em suas faces e deixou por de mas patente o selo da reprovação que lhe imprimiram na testa.

E sentiu mezes depois palpitar dentro de suas entranhas um novo coração. Seu filho, pobre creatura!...

Ainda mal se desenvolvia o feto e já a placenta lhe servia de carcere da escravidão.

Seu ventre era o seu destino, sua condição o seu crime.

Ella não viu o terno sorrir de seu filho deslisando-se sobre a sua face infantil.

Seus seios não o alimentaram com o seu sangue; nem aquelles lábios tão puros de innocencia se desabrocharam com o doce nome que sóa como uma harmonia aos ouvidos maternos.

Oh! oem siquer lhe deixaram beijar aquella bocca tão tenra, tão pura como a de um anjo.

Arrancaram-no do leito e o levaram para bem longe...

A degradação da pobre e infeliz negra desceu na escala da humanidade á condição da miseravel cadella a que furtam sem magua os cacborrinhos.

Para ganhar mensalmente algum dinheiro, veio Evelina para a cidade do Rio de Janeiro; viveu num palacete, teve criados brancos que a serviam, teve carros e cavallos que a levassem a passeio e a transportassem a reuniões festivas.

Não era uma fidalga, era uma escrava e a cevavam como se ceava uma vacca de leite de estrebaria.

Negava a mãe os seios succulentos aos lábios de seu filho e Evelina vinha substituil-a na mais sagrada missão que Deus confiara á mulher.

Ao principio abo-recia-se da criança e o seu vagido infantil só lhe lembrava o filho de suas entranhas.

Depois... e pouco a pouco... Oh! e que coração ba abi que resista ao sorriso de um anjo descido ha pouco do céu?

Que outro laço a prendia á bumanidade?

Assim a ave, á qual substituíram os ovos no ninho, alaga os pintainhos da mãe estranha, como si fossem seus proprios filhos.

Os gritos innocentes, as balbuciantes palavras da criancinha achavam echo maternal em sua alma. Os seus afagosinhos repercutiam no coração de sua mãe negra.

Ella ornava o seu berço de flôres e lhe repetia as doces canções das terras africanas.

E ella dormia se sorrindo aos sorrisos daquellas faces negras.

As orações da pobre ama subiam ao céu pela felicidade do menino-anjo.

E quando o grito de dor annunciava o seu despertar, o peito da negra se alvoracava; e quando as lagrimas lhe inundavam as faces assetinadas, os olhos da ama se humedeciam tocados de ternura.

Ella era mais do que sua mãe... mas elle não era seu filho.

Bem depressa passaram-se mezes, um anno, quasi dois; e um dia amanheceu para que elle não anoitcesse mais em seus braços.

Oh! nunca mais o viu, nunca mais sinão nas visões da saudade.

Mimosos da fortuna, os paes embarcaram-se para Europa e sua gratidão traduziu-se na liberdade outorgada a Evelina.

Deram-lhe duas azas immensas, mas levaram-lhe metade do coração.

Livre!... livre!...

Oh! para sempre livre!

Tão pobre e tão rica! E' nada o ouro para quem sae maguada dos ferros do captivo, mas a liberdade é tudo.

Nem ha ahi na terra riquezas que a compensem.

A falta de seu filho de criação, a posse de sua liberdade despertaram-lhe na alma uma lembrança gratissima.

Era livre e podia viver com seu filho, seu verdadeiro filho.

E bradou eu seu coração chamando por elle, e escutou...

E não ouviu sinão o ruido surdo de uma cidade immensa...

— O' meu filho, exclamou, meu pobre filho!...

E onde estarás? Viverás ainda? Serás livre ou escravo?

E seu coração perdeu-se num mar de incertezas, como a nau sem leme, que vaga batida pelo vento e balouça ás ondas do immenso Oceano!

J. NORBERTO DE S. S.

O MAR

I

Silencioso, encostado ao paredão do cães, Henrique contemplava o mar. O céu estava encoberto e só através das nuvens amontoadas se desprendia a luz phosphorescente da lua. O mar murmurava soturno e tenebroso qual monstro á espreita, lançando um bafo calido. E as ondas se estendiam por uma vasta região; só ao longe, muito no fundo, corria uma fachia brilhante em que se reflectia a claridade forte da lua, que escapava entre duas nuvens. O cães seguia recto para um dos lados, depois contornava as sinuosidades do golfo, afinal afundava-se na areia da praia. Do outro lado fazia uma enseada cavada na rocha, continuando depois, muito além, até perder-se no borborinho das ondas. Henrique já estava alli desde muito, observando o tempo. Ameaçaria chuva?...

A aragem forte batia-lhe no rosto, impregnada de exalações marinhas, cheia de uma caricia branda. Elle olhou para o céu. Sombras negras se accumulavam para o sul, acompanhando umas ás outras, imitando uma reunião de conspiradores mudos. No meio e em volta da lua occulta corria um véu claro, sem soluções; apenas em um ponto fazia-se um rasgão profundo por onde apparecia parte da via lactea como um punhalo luminoso de aréa. Para a parte opposta, perdiam-se por detraz das ultimas montanhas, vultos alvacentos de nevoeiro. Era possível que chovesse.

E Henrique poz-se a caminhar ao longo da costa do mar, em direcção ao golfo. Ahi a rocha escancarava as guelhas, onde tremiam as falúas e botes de carga como uma multidão tragada que se debatesse com ligeiros estremecimentos de victimas. Ouvia-se o rumor confuso das vozes dos pescadores que partia do fundo, como um bocejo immenso sahido das fauces do golfo. Dahi o vento trazia com o cbeiro mais activo de maresia as emanações dos detritos de peixes e fructas em decomposição, empastando os arredores. E Henrique teve que apressar o passo para fugir áquella região viciada, em busca de um ar mais puro. Passado o golfo, continuou elle a ladear a costa, que agora

seguia em linha recta. De repente parou defronte de uma solução da muralha que dava para o mar. Em baixo, rente ao ultimo degrau de uma escada de pedra fluctuava um bote.

— Que mianda patrão? gritou um homem lá dentro, invisível na sombra.

— Escute, fez Henrique, descendo a escadinha, que diz do tempo? chove amanhã?

O homem do bote revolveu-se na treva, depois respondeu surdamente:

— Hoje isto está duvidoso; a modo que á tarde queriam pingar uns choviscosinhos, mas amanhã é lua cheia e creio que o tempo deve concertar. Olhe! veja, patrão! — e a mão do catrairo destacou-se vagamente no ar — lá para aquellas bandas temos uma boa carga de vento, mas isso desaba e vae-se... para a manhã isto amaina, patrão, creio que amaina... — e a mão tornou a desaparecer. Nisso a ventania encavou-se pela fenda do paredão, sibillando com estridor. Henrique teve que calcar o chapéu que quasi voava. E o catrairo continuou no vento.

— Quer fazer alguma viagem?

— Não: é um passeio que tencionamos dar amanhã á ilha. — E indicou um ponto negro em frente que se perdia na amplitude escura do mar. Depois, tomando uma resolução:

— Então cre que amanhã não chove?...

Teremos, teremos até luar; eu asseguro a V. S.; e depois si é para amanhã á noite, o patrão pôde apparecer quando quizer que eu cá estou ás ordens.

— Bom: então esteja aqui ás 6 1/2, e si eu não apparecer até ás sete, é que não conte comigo. — E subiu dois degraus. Depois voltando-se de novo:

— Ah! como já me ia esquecendo! Por quanto leva daqui á ilha a tres pessoas; ida e volta?

— Barato, barato, patrão, pôde-se fazer por 3\$500.

— Por tres mil réis está decidido.

— Não se pôde... não se pôde... fez o homem.

— Não dou mais que isso; si quizer é estar aqui ás 6 1/2 — e galgou os tres ultimos degraus. No alto ouviu a voz surda do catrairo resmungar — Pois vá lá... ás 6 1/2 — em resoar morto que se misturou ao murmurio longiquo do mar.

Henrique vivia alli nos arredores, a pequena distancia do oceano, em companhia da velha mãe e da prima Alice, com quem estava para casar. Tambem morava com elles a tia Henriqueta, idosa e doente, a quem o irmão confiara ao morrer aos cuidados da familia. Henrique desde pequeno nutria pela Alice uma afeição forte, que a puberdade, desenvolvendo, transformára no mais puro amor. Hoje, a consentimento da mamãe, tinham tratado casamento, e esperavam com calma, no doce aconchego do lar, sem precipitação o dia em que mais intimamente se unisse: num amplexo doce e eterno. Elle desde criança se acostumára á vida do commercio a que agora se entregava em um emprego pacifico e rendoso dos capitães que o pa elle deixára; quasi sem sentir o borborinho da cidade, sem preocupações fortes, na doce calma da vida burgueza. E quando elle via pelas ruas a multidão dos homens a correr esfaimados em uma lucta feroz, destruindo-se uns aos outros em busca de dinheiro e posição, elle muito admirado, nada comprehendia daquillo tudo, pasmo de que aquelles

TUAS MÃOS

Vê que desejo é o meu... De que receias?
Eu quero, apenas, (a ventura é breve...)
Sentir nas minhas mãos o peso leve
Dessas mãosinhas, de teu sangue cheias...

Neste contacto só, tu me rodeias
De delicias que est' alma nunca teve...
Meu ser exulta e phantaziar se atreve...
Nasce-me um pbiltro calido nas veias!

Oh, eu quero beijal-as, commovido...
Mas seja um beijo tumido, incendiado,
Como este amor que me domina, ardente...

E que pareça, ô meiga creatura,
Sugar por ellas, como em fonte pura,
Todo o teu sangue palpitante e quente!

S. Paulo

AFFONSO DE CARVALHO.

homens todos não achassem um meio tranquillo onde vivessem sem pensar, sem soffrer, ao suave ombalar do tempo.

O Deus de Henrique era o mar: sem outras crenças mais vivas que lhe occorriam, o espirito, fazia daquella grande massa sem limites um deus todo poderoso, senhor de todas as coisas, capaz de tudo destruir em um só momento, com um simples espadanar de ondas. E todas as perfeições que em pequeno tinham-lhe ensinado pertencer a Deus, elle as achava no mar: e era por isso que o adorava. O mar era quem guiava as pequenas embarcações sob a protecção do luar, fornecendo-lhes do seu seio misericordioso todo o alimento necessario. E o mar era a Providencia. Elle ligava os continentes, relacionando as nações mais afastadas num grande abraço. E o mar era o Grande Amigo dos homens.

Emfim, elle era o Justo quando tragava em suas espumas os ladrões e assassinos; elle era o Eterno, porque não se lhe conhecia o principio nem o fim; Grande e Magestoso, porque os seus dominios eram immensos e envolviavam todo o mundo. E Henrique, fraco e timido, quando ás vezes se sentava á borda do paredão, perdia-se todo na contemplação daquelles grandes cachões que rolavam ao longe, como que sentindo partir lá do fundo, do meio das duas extremidades do golfo, um sopro forte o nutriente que o enchia de forças. Outras vezes, si o vento soprava, o céu estava escuro, as ondas revoltas o trovão rugia terrivel, elle acabava que era bom fugir de Deus em colera. Então refugiava-se em casa, buscando entre a velha mãe e a noiva o manto de protecção que lhe faltava, como que fazendo uma oração muda e ardente ao Senhor Todo Poderoso, Creator de todas as coisas.

Naquelle noite Henrique tinha formado o projecto de fazer uma surpresa á familia, levando-n no dia seguinte á ilha em passeio. Agora tinha muita esperanza, confiando no que dissera o catraeiro. Além de que ao olhar para o céu viu a lua que, passando por entre duas nuvens que se distanciavam, apparecia redonda sobre as ondas. A chuva lá se ia, o céu se limpava e o mar, embalsando-se tranquillamente, parecia um grande monstro, de ventre para o ar, ostentando as escamas prateadas ao luar. Sim, Deus era bom; Elle tinha attendido á supplica de Henrique.

II

No dia seguinte, ás 6 horas da tarde, Henrique em companhia da velha mamãe e da noiva sahia de uma rua estreita e atravessava a praça. Tinham elles muito cuidado em correr por aquelle meio em movimento, evitando as carroças e animaes que alli pululavam. Tomaram a direcção do golfo. A tarde declinava. O sol no poente, muito rubro, atirava uma cór viva sobre o mar que ardia, fazendo reflectir uns raios ao longe sobre algumas montanhas elevadas, como um echo estridente. Na beira do mar se fazia a importação da tarde. Alli chegados, os tres puzeram-se a contemplar aquelle borborinho de gente a trabalhar. O golfo estava cheio de faluas, botes e barcaças de carga que, atracadas umas ás outras, despejavam os flancos cheios de fructas com um rumor surdo. E todas aquellas embarcações sem velas, faziam uma grande esteira oululante, onde o movimento dos pequenos mastros nús punham ainda

maior confusão. E os homens corriam de um para outro lado com custos cheios de abacaxis e laranjas, onde a cór avermelhada mais augmentava na luz do sol poente. Mais adiante ainda se sentia o mesmo estremecer vertiginoso. Eram melancias e aboboras que os homens carregavam, quasi que vergando de baixo do peso, suando muito com o calor. E o tom alli era menos vivo, mais escuro, deixando predominar as cores sombrias de alguns fundos de faluas, a nù, onde se accumulavam saccos de carvão.

— Como ó bonita a tarde, Henrique? — suspirou Alice com um arripio de prazer. — Aqui sim, é que se respira um ar puro...

— Aqui, é outra coisa — disse a D. Emilia, a mamãe, — mas não lá no golfo, onde o cheiro é insupportavel. Destes lados sente-se menos a maresia...

— Mamãe não gosta da maresia? — voltou Henrique — pois acho-a esplendida!

— Eu tambem; acompanhou Alice, cobrindo-se com o chale que trazia.

E todos os tres seguiram o desenvolvimento do muro, e chegaram logo á abertura estreita que dava para o mar. O loniem do bote lá estava recostado, tendo nas mãos os pesados remos.

— Vimos muito cedo? — disse Henrique, — não contava ainda connosco?

— Pois não, patrão, eu já cá estava á espera; depois não é cedo, porque precisamos quanto antes fugir do vento que acollá vem...

E apontou vagamente para o céu. Este se conservava desde meio dia puro e sem mancha. Actualmente o azul se desvanecia na cor rubra do sol. So para o lado opposto conservava ainda uma coloração esverdeada em que os dois tons, vermelho e azul, luctavam em um combate de exterminio. Bem no meio, onde a luz vermelha começava a se accentuar, a lua, esvaecida, quasi incolor, destacava-se timidamente. Para leste manchava o firmamento uma nuvem escura com ligeiros toques alaranjados. E era esta a nuvem que o catraeiro apontara.

Henrique, que fora o unico a ouvir a observação do homem, pouco se importava com a questão do vento; o mar estava manso, elle bem o conhecia, e depois, dêsse no que dêsse, elle sabia nadar e junto com o catraeiro estavam alli dois homens para duas mulheres:

— Embarquemos... fez elle.

O homem era musculoso e alto. Tinha uma camisa de meia branca e a barba loura e comprida. Com um golpe de remos dirigiu o bote e ageitou-o ao ultimo degráu da escada. Henrique desceu, dando a mão a D. Emilia. Alice, ao entrar, sentou-se do mesmo lado, carregando muito no bote, que todo se inclinou para a direita.

— Não, filha, sente-se á esquerda, interveiu o Henrique, é preciso restabelecer o equilibrio; — e elle proprio sentou-se á popa.

Nesse momento o catraeiro contrahiu toda a musculatura, inclinou-se e fez correr a embarcação. O tempo escurcia cada vez mais, a lua tornava-se mais branca o luminosa e as montanhas menos distinctas perdiam a cór pouco a pouco.

O mar estava ligeiramente irriçado e as pequeninas vagas agitavam-se confusamente, fazendo ao longe um rendilhado caprichoso. A medida que o bote se afastava, o rumor do golfo ia se abysmando em um estrepito discreto.

Os remos em rythmo compassado, iam fendendo as aguas com regularidade mecanica. E o vento que ia augmentando aos poucos, trazia uma aragem fresca e agradável, cheia de caricias.

Henrique, atirado á popa, via através das barbas do catraeiro, que voavam, a linha de separação entre o céu e o oceano. Dos dois lados limitavam-na as duas extremidades da enseada. Bem no meio o ponto escuro da ilha se destacava. Para os lados as terras verdes se succediam gravemente em desfilar moderado. Depois vinham as linguas brancas das praias que iam se continuando até perderem-se nos escolhos dos extremos. Em pouco tempo os viajantes transpuzeram os limites da bahia. Então a linha do horizonte mostrou-se muito augmentada, estendendo muito além os seus limites. No céu, a lua com o morrer completo do dia já se apossara da amplidão, brillando muito fortemente, com a actividade e esplendor de plenilunio. Todo o firmamento se illuminára, deixando mais se destacar a nuvem escura que, muito crescida, corria por sobre o mar no desfilar do vento. E o oceano immenso e imperturbavel dormia, acalentado pela natureza toda.

E diante deste espectáculo Henrique sentiu-se em um paraizo sublime, cheio de forças para gozar. Deus Todo Poderoso se dignara rebel-o em seu céu de supremos gozos, onde a viração embalada que augmentava o envolvia de uma ternura suave. E elle que em pequeno lera a Biblia, sentia-se agora o discipulo amado do Senhor que tivera a dita de se reclinar em seu collo divino.

— Como está soberbo o tempo, fez elle commovido.

— Oh! balbuciou Alice, sem achar o que dizer, olhando para o ar.

— Precisamos apressar, interrompeu o homem do bote, o vento já não tarda.

— Ora o vento!... tornou Henrique com desprezo. E não se achava elle junto do seu deus que tudo podia? Ora o vento que viesse!

Já em frente, a ilha apparecia alvejando ao luar. No céu a nuvem negra e ameaçadora já quasi attingia a lua, correndo sobre elles com grande velocidade. O vento crescia muito em grandes rajadas e o mar atirava as primeiras vagas na attitudé de um monstro que accorda.

— Ah! gritou a D. Emilia.

Um golpe mais forte da ventania na agua tinha levantado o bote a uma certa altura, fazendo-o depois afundar com grande choque. O céu tornou-se tenebroso e o mar de repente escureceu, como um bandido que apaga a luz para assassinar. E no meio daquella confusão vagueava o bote sobre as cristas das ondas já revoltas.

— Jesus! — gritou a menina — Deus nos acuda!

O catraeiro tornou-se livido no clarão de um relampago.

E o trovão rugia para os lados da cidade. O bote dava saltos immensos. Os tres viajantes protegiam-se uns aos outros, agarrando-se.

— Que ha de se fazer? — gritou Henrique.

— Temos aqui um ahrigo, patrão, temos um escolbo para amarrar. E os relampagos se succediam num rumor continuo e medonho.

Então o remador, pondo-se de pé, com um golpe forte de remos aproximou-se da pedra. E atirando-se sobre

uma fenda, agarrou-a com uma das mãos, ao passo que com a outra apertava o remo contra o escolho. Então, tirando do fundo um cabo, amarrou-o á argola da proa. Depois, tendo a corda em uma das mãos, pulou em terra. Nisto uma onda immensa cahiu em cheio e a embarcação, escapando, precipitou-se sobre o oceano. Depois tres vagalhões a tomaram e recotendo-a nas possantes garras, jogaram-na vazia, de costas. Henrique mergulhou e, quando chegava á tona d'agua, sentiu perto de si dois corpos que selebatiavam.

— Henrique! dê-me a mão por amor de Deus!...

— Meu filho! salva a tua mãe!...

Elle estendeu ambas as mãos e sentiu que os dois corpos agarravam-lhe nos braços e nos hombros. Nisto uma onda colossal passou-lhe pelo braço esquerdo, levando um corpo. Elle ainda olhou e viu aquillo que se afundava engulido pelo vagalhão, sem um gemido. Era a mamãe. Elle então, possuido de um poderoso instinto de conservação, poz-se a nadar com coragem, tendo no bumbro esquerdo suspenso o corpo ligeiro de Alice. E nadou durante meia hora com um vigor heroico e inabalavel. Chegados os dois a uma praia do golfo, encontraram uns pescalores que os recolheram e abrigaram.

E Henrique, ao caminhar na arca, ainda voltou-se e viu o mar, que, de novo illuminado com o reaparecimento da lua, sereno e tranquillo, parecia um monstro cruel que se descargava de ventre para o ar, farto de sangue e de carne, digeindo o corpo da velha mamãe.

III

Mezes depois, á tardinha, Henrique dirigiu-se á borda do cães em companhia de Alice. Vinha cheio de uma colera surda, meditando qualquer vingança cruel. Elle se assentára sobre o paredão, ao lado da noiva, que lhe dizia entre caricias:

— Meu amor, porque choras?... Foi muito forte a tua dor; foi eu hem comprehendendo... Ainda sinto uns arrepios, quando me lembro daquella noite; que horror!... Passeavamos tão tranquillios, tão socegados, e o céu estava como hoje, tão puro, tão alegre, quando tudo se mandou de repente!... Sim, bem vejo; é horrivel a tua dor, mas que quer?... é preciso que te resignes. Ella não soffreu quasi; aquillo foi rapido, num mergulho e agora já está no céu rezando por ti. Sim: consola-te! Foi Deus quem quiz...

— E... murmurou elle, foi Deus quem quiz...

E recostado sobre o braço direito, olbava em frente. O céu estava sem nuvens como da outra vez. A lua em minguante, não deitava luz tão forte, mas, ainda assim, atirava uma phosphorecencia triste sobre as roupas dos noivos em lucto.

O mar é que calmo e pacifico ostentava a sua indifferença de monstro farto. Sim: Henrique hem percebia agora toda a sua perversidade. Elle alli viera não para rezar, não para implorar protecção nem forças, mas para atirar á face da brisa o maissoleme desafio, a mais cruel invectiva, dos labios cheios de blasphemia. — Sim: Deus não era justo, porque não só destruiu os ladrões, mas tambem os santos e innocentes. Deus não era Bom. Era um mesquinho assassino que seduzia as

victimas para afogal-as em seu seio. Deus abusava da força sem ser forte, porque exterminava os fracos. Emfim: não era o Pastor sonhado, envolvido em Magestade e Carecia, mas um monstro horrível e cruel que dormia para o ar, com o ventre repleto de victimas.— E Henrique, assim blasphemando, sentiu ao lado, hem junto ao collo, o suspiro quente de Alice. E elle agora, longe dos homens, longe de Deus, inimigo de todos, tendo experimentado a perversidade de todos, apenas ouvia a voz doce de Alice, que, passando-lhe a mão pelos aneis dos cahellos, lhe dizia:

— E' preciso que vivas agora para mim; aim, meu amor?

LIMA E SILVA.

SERENATA

(F. COPPÉE)

Tu prometteste-me um heijo
Para esta tarde, morena!
Embriagou-me o desejo
Um raio de luz serena.
Fujamos ao seu clarão
Que brilha na tua imagem:
Tem ella a brisa—o verão
Que vé por aoh a folhagem.

Tomemos a negra estrada,
Subamos aos verdes montes,
Para ouvirmos a toada
Do rumorejo das fontes.
Ao atravessarmos nos guia,
Por haixo da esphera escura,
—Mimosa e casta poesia—
Que cohere-te a coma pura!

S. Paulo

ARTHUR BARBOSA.

THEATROS E DIVERSÕES

TENENTES DO DIABO

Explendido o ultimo haile desta magnifica sociedade carnavalesca, realizado no sabbado ultimo. Animação, vida, delirio...

PRADOS VILLA-IZABEL E DERBY-CLUB

Der am-se nos dias 8 e 11 do corrente mez duas magnificas corridas nestes dois clubs.

Em amhos a concurrencia foi, além de grande, escolhidissima, e a chuva do dia 11 em nada perturbou a do Derby.

FESTA ESCOLAR

Realizou-se na quinta-feira da semana paasada a festa de encerramento das anlas do importante instituto de ensino, Collegio Menezes Vieira.

Foi uma festa magnifica, extremamente concorrida, e que revelou ainda uma vez o aproveitamento e a disciplina daquella excellente casa de educação.

Um collegio, cujo director em trese annos da magisterio tem conquistado tão justo renome, não carece de nossos alogios. Pedimos-lhe sómente perdão por haveremos retardado esta noticia.

PHANTASIA

Si a vida é como um lago de serenas
Ondulações, adormecido, quando
Passa por elle alegremente o bando
Disciplinado daa gentis phalenas;

Lago em que a aurora molha as alvas pennas
Quando surge nos céos, óra fitando
As planicies do mar, óra banhando
Na fresca matinal aa açucenas;

Vem, toma o remo; e vamos hrandamente
Vogar, vogar, na limpida corrente,
— Cysnes do amor nas agoas perfumadas...

Ouvindo ao longe o suspirar do vento,
E contemplando o azul do firmamento
Nas mysterias noites estrelladas!

S. Paulo, 87.

JULIO SALUSSE.

Diversas Publicações

A COMEDIA DOS DEUSES, poema por Theophilo Dias, procedido de uma introdução por M. Pinheiro Chagas.— S. Paulo.— Teixeira & Irmãos — editores.

Tarde recehemos o notavel livro de Theophilo Dias, razão porque sómente agora damos noticia do seu apparecimento, depois de toda a imprensa da Corte haver já prestado as devidas homenagens ao eminente poeta que acaba de dotar a litteratura com um monumento que ha de perdurar enquanto perdurarem os fastos da poesia brazileira.

O que é a *Comedia dos Deuses* sabe-o já o leitor é a primeira parte do *Ahasvéro* de Ed. Quinet transformada em versos admiravelmente architectados como sempre são todos os que procedem da penna de Theophilo Dias, que, assim, concorreu para que avultada parcella da obra do genio francez chegue aos nossos ouvidos com todos os encantos e seducções da verdadeira linguagem poetica.

Volveremos a tratar da *Comedia dos Deuses*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, revista quinzenal de propriedade e redacção de Silva Figuiaró.— Anno II—N. 23.

Os trahalho deste numero estão indicados no seguinte summario:

O Senador João Alfredo.—Os importadores frandulentos.— Seguros mutuos.— As falsificações de café na Euro.— Aos nossos collegas.— Noticiario: O manifesto do Sr. conselheiro Paulino e Souza; Regresso; Banco Agricolas do Brazil.— Administração da marinha — Bibliographia. — indicador. — Anuncios.

POEMAS NORTE-AMERICANOS da Henry W. Longfellow, trasladados para verso portuguez por Americo Lobo.— Imprensa nacional.

Estão reunidos neste volume os tres primorosos trahalhos do illustre poeta

americano— *Poemas da escravidão, Evangelina a O canto de Hiawatha.*

Tanto quanto noa pôde permittir a rapida leitura a que percedemos de tão interessante publicação, temos verdadeira satisfação em declarar que o cantor da America do Norte encontrou fiel e digno interprete no cantor da America do Sul: o poeta Longfellow foi entendido pelo poeta Americo Lobo.

Além do valor litterario propriamente dito, recommenda-se tamhem o livro pelo valor artistico, que não é coisa de somenos importancia em committimentos desta natureza. Honram a Imprensa Nacional o gosto, a nitidez e até o luxo com que executou a impressão desta obra destinada a celebrar as feitas da poesia nas duas grandes nações americanas — O Brazil e os Estados-Unidos.

IL BRASILE, revista mensal agricola, com merciale, industrial e finanziaria.— Anno I.— N. 12.

Continha esta importante revista a oferecer aos seus leitores interessantes trahalhos consoantes com os intuitos indicados no respectivo titulo.

O fasciculo distribuido recommenda-se, entre outros escriptos, pelo estudo chorographico das provincias brazileiras do Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco; pela noticia commercial, industrial e financeira; e pela chronica a varias noticias.

O BRAZIL-MEDICO, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.— Anno I.— N. 46.

Eis o summario deste numero:
O segredo medico.

Trabalhos originaes: — Ankylostoma duodenal e ankylostomiasa, pelo Dr. Adolpho Lutz.

Sociedade de medicina e cirurgia: Sohra um caso da hemato-chyluria, pelo Dr. Pedro S. de Magalhães — Considerações do Dr. Hilario de Gouvêa. — Sobre

um caso de dystocia dependente de um tumor fibroso do utero, pelo Dr. Crisaiuma.

Revista medica estrangeira: — Usos tharapêuticos do iodol, por O. Seifert (*Munch. Médie. Wochens.* 1887—n. 4). — Nevroses reflexas de origem nazal, pelo Dr. Moore (*Journal de Médecine de Bordeaux*—1887.)

Noticiario.

OCCIDENTE, revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro.— Volume X.— N. 321.

Contém os seguintes artigos: — *Chronica occidental de R.* — *As nossas gravuras.* (O maestro Manuel Innocencio Liberato dos Santos; Fabrica de fajanças das Caldas da Rainha; Caminhos de ferro portuguezas — a linha urhana de Lisboa; por L. da Mendonça e Costa — *O Infante D. Henrique*, por Manuel Barradas. Um conto, por José Pessanha. — *Resenha noticiosa.*

NOTAS A MARGEM, chronica quinzenal por Valentim Magalhães. — Anno I. — N. 1. Typ. Moreira Maximino & C.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wanceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado